



8. Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942: Estrangeiros e Integralistas sob Suspeitas

Anailza Guimarães Costa^I

Esta pesquisa investiga o tratamento dispensado aos estrangeiros e Integralistas, vistos como suspeitos de ajudar os alemães, quando sob o comando do capitão Harro Schacht, afundaram navios brasileiros (Aníbal Benévolo, Baependi, Araraquara, Arara e Itagiba) que trafegavam entre Bahia e Sergipe na noite de 16 de agosto de 1942. Após este fato, a população sergipana passou a viver em tempos de Guerra e sob um forte clima de suspeitas. Diante da importância do ocorrido para a História, este trabalho aborda como os autores, especialmente da historiografia sergipana, discorreram sobre o assunto. Usamos como fonte, os processos crime e as notas de jornais sergipanos como Correio de Aracaju, Folha da Manhã, O Nordeste e o Sergipe jornal.

Palavras-chaves: II Guerra, Torpedeamentos, Suspeitos.

This research investigates the treatment of foreign and Integralists, viewed with suspicion of helping the Germans, while under the command of Captain Harro Schacht, sank brazilian ships (Aníbal Benévolo, Baependi, Araraquara, Arara e Itagiba) that sailed between Bahia e Sergipe on the night of August 16th, 1942. After this, the Sergipe population started to live in times of war and under strong suspicion. Given the historical importance of this fact, this article discusses how the authors, especially the ones of Sergipe historiography, address the issue. The source used was the criminal processes and notes of Sergipe newspapers as Correio de Aracaju, Folha da Manhã, O Nordeste and Sergipe Jornal.

Keywords: World War II, Torpedoed, Suspects.

Nanoite de 16 de agosto de 1942, o submarino alemão U-507, sob o comando do capitão Harro Schacht, atacou navios brasileiros que navegavam entre Bahia e Sergipe. A ofensiva submarina afundou o Aníbal Benévolo, o Baependi, o Araraquara, o Arara e o Itagiba e cerca de 610 pessoas foram vítimas deste ataque nazista. No Sergipe Jornal, a reportagem sobre os



torpedeamentos sugere as consequências que teve sobre a população: “(...) o coração dos brasileiros sangra neste momento de luto nacional sobre os cadáveres dos malogrados patrícios que tombam, nestas últimas 48 horas”.^{II}

Foi assim que a Segunda Guerra Mundial chegou a Sergipe. Nosso estado foi o único do Brasil a ter corpos de vítimas do conflito jogados em suas praias. Este fato fez com que o cotidiano da população sergipana mudasse drasticamente. A Guerra que, até então, parecia um conflito europeu, chegou às terras brasileiras, trazendo como consequência o clima de medo, insegurança e suspeitas que pairou sob a cidade aracajuana.

Esta pesquisa tem como objetivo fomentar a discussão sobre a Segunda Guerra em Sergipe e contribuir para o estudo deste episódio, percorrendo principalmente sobre o clima de suspeitas e o tratamento dispensado aos estrangeiros (alemães, italianos e japoneses) e Integralistas, vistos como suspeitos de ajudar os alemães a atacarem navios brasileiros no litoral de Sergipe. A escolha dos processos-crime como fonte se dá porque através destes podemos conhecer as investigações e afirmações feitas pela polícia, além de termos acesso a listas com os nomes dos acusados. Já os jornais, para este estudo, nos ajudam a entender de que forma o governo usava os meios de comunicação para incentivar o ódio a estrangeiros e integralistas.

No século XX o mundo presenciava o fortalecimento do Nazismo e Fascismo, sob os comandos de Adolfo Hitler e Benito Mussolini, respectivamente. Já o Brasil vivia o regime do Estado Novo implantado por Getúlio Vargas em 1937. Regime este, que embora se afirmasse democrático, se aproximava dos regimes europeus, pois, o Estado controlava vários setores da sociedade, impondo medidas que deveriam ser adotadas pela população.

Através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o Governo fiscalizava e controlava as notícias transmitidas nos jornais. Foi assim, que Getúlio Vargas conseguiu apoio de muitos da população na fiscalização dos Quinta-coluna, como eram chamados os estrangeiros (alemães, japoneses e italianos) considerados inimigos do Brasil. Analisando as notas de jornais, percebemos que o ódio a estes estrangeiros era incentivado. Nazistas, Fascistas, japoneses (o chamado “perigo amarelo”) e Integralistas estavam sempre relacionados como elementos perigosos. A população deveria vigiá-los, persegui-los, para que eles não colaborassem com as cenas lastimáveis que o mundo assistia.^{III}



Porém, podemos nos perguntar por que os Integralistas, que eram brasileiros e não estrangeiros do Eixo, foram acusados de colaborar com os alemães? Para responder a esta pergunta, precisamos compreender que o histórico da relação entre o governo Vargas e o Movimento Integralista demonstra intensos conflitos. Como por exemplo, o que ocorreu em 1938 quando os Camisas Verdes, ou seja, os Integralistas, organizaram um movimento frustrado na tentativa de derrubar Getúlio Vargas do poder. Acreditava-se na verdade, que eles mantinham contato com os italianos e alemães e que suas ideologias tinham inspiração fascista; sendo, portanto, considerados instrumento de propaganda terrorista no Brasil.

Sobre a ação dos Integralistas no estado sergipano, foi feita uma investigação comandada pelo Chefe de Polícia, Enoch Santiago, que resultou num relatório do inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública de Sergipe, em 1942. Neste relatório, foram investigados brasileiros acusados de Integralistas exaltados e simpatizantes de ideias fascistas. Assim, foram ouvidas cinquenta e sete pessoas para saber se existiam reuniões secretas, para pesquisar a existência de armas importadas e averiguar o integralismo no Estado.

Existiam rumores de que se faziam reuniões secretas entre integralistas e apoiadores do Nazismo e Fascismo. Entretanto, a polícia não conseguiu comprovar esta acusação, já que era mais provável que as reuniões acontecessem em lugares diferentes, o que dificultava as investigações. Outras supostas reuniões aconteciam nas obras da Draga do Porto, mas que também não foram confirmadas. Segundo o relatório, as únicas reuniões que ficaram comprovadas foram as de Integralistas na casa de Antônio Lima de Farias, que ficava na Rua Estância.

Neste relatório, a polícia dividiu em dois grupos os acusados: os Integralistas fervorosos, que segundo o relato, são os que mantêm e demonstram acesos as ideias do integralismo, e os amigos comerciais da Alemanha, aqueles que se alegraram com as vitórias das forças alemãs. Dessa forma, os acusados de integralistas fervorosos foram: Geronimo Garcia, Jacinto Figurêdo Martins, Joaquim de Fraga Lima, Antônio Lima de Faria, Rosalvo Rosa Queiroz, Agnaldo Alves Celestino, João Alves da Costa Ouro, Carlos Augusto Travassos Serrano e Sergio Valerio. Já os amigos comerciais da Alemanha segundo o relatório eram: Jaime Aragão, Manuel Ferreira de Santana, Raimundo Leituga, Valter Loeser, Amando Almeida Leão, Antônio Dutra de Almeida, Francisco Pereira de Almeida, Felismino Pereira de Almeida, José Vieira de Menezes. Além destes, as investigações apontavam para mais



pessoas que não foram ouvidas neste relatório, mas que segundo a polícia, faziam ponto em cafés, e defendiam as ideias da Alemanha.

Todos estes foram ouvidos e negaram que eram contra o governo de Vargas e que ainda defendiam ideias integralistas. Porém, o relatório conclui que mesmo os acusados tendo afirmado que aceitaram de bom grado o regime implantado por Vargas, dizendo que era a unificação do Brasil, as investigações apontam que eles não abandonaram e ainda conservavam as ideias com carinho. Mas, por falta de provas, o inquérito foi encerrado.

Três casos, em especial, chamam atenção. Primeiro é o de Joaquim de Fraga Lima, que se declarou ex-chefe do integralismo em Sergipe. Segundo o carroceiro que transportou sua mudança, Argemiro dos Santos, disse que levou dois caixões que para ele eram “cunhetos” de balas. Mas, em sua declaração, Joaquim diz que eram caixões abertos com objetos de cozinha. Uma história estranha, mas na qual a polícia não pôde ir mais afundo, porque não tinha provas e achava que ele não teria coragem de transportar balas pelo dia, justamente no governo de Eronides de Carvalho, famoso pela fidelidade ao Estado e forte vigia.

O outro caso é o de Rosalvo de Queiroz, preso porque quando a notícia dos torpedeamentos chegou, constatou-se que ele não demonstrou sentimentos de piedade e patriotismo. Lendo este caso, lembramo-nos de outro abordado pelo Sergipe jornal, em que mais uma vez percebemos a vigilância ferrenha do Estado. Segundo o relato, um repórter do Diários Associados foi preso acusado de espionagem, porque ele estava fotografando pontos estratégicos do Estado de Pernambuco. Nestes dois casos, mais uma vez ficaram claros o autoritarismo e a vigilância do Governo, principalmente após os torpedeamentos dos navios, a ponto de prender qualquer pessoa que levantasse suspeitas.^{IV}

O terceiro é o de Waldemar Rodrigues de Sousa, técnico de rádio, que foi preso, porque segundo informações, às 23h30 do dia 1º de setembro, viu-se um feixe luminoso, que foi projetado sobre a antena de rádio da sua casa. Este fato gerou polêmica, provocando suspeitas que esta luz irradiava do mar. Segundo o relatório, ele não era integralista, era um bom funcionário e não tinha demonstrações eixistas. Reaparece neste relato, o clima de desconfiança que foi gerado desde então. Não era preciso ter provas concludentes para ser preso, bastava o indivíduo ter sido Integralista ou até mesmo ter relações com algum ex-integralista. Uma simples desconfiança da polícia podia levar ao cárcere.



No entanto, não era isso que o governo costumava dizer. Apesar de toda repressão, o Estado afirmava constantemente que o regime de Vargas era o melhor para o país e que a população era feliz e tinha liberdade. Voltemos mais uma vez ao relatório de polícia, dirigido por Enoch Santiago, e observemos o que este diz logo no início:

Nas democracias, a polícia não é opressão. E o dever do regime em que vivemos, deve ser esse, o de mostrar a essa gente transviada, desejosa de fascismo e de nazismo, que em nossa Pátria, somos tão livres e tão felizes, que mesmo respondendo a processo, gosamos dos maravilhosos dons de liberdade, aquele que não castiga, que não possui a organização da Gestapo, antes assegura aos acusados os meios de defesa, e, sobremódo se distancia dos dézes de óleo de recino e do pescoço ao cêpo para golpe de machado, fervorosas instituições do integralismo e do nazismo.

Neste fragmento, o relatório afirma que o regime não castigava. Mas, será que foi mesmo assim? Em uma tragédia de proporções tão grandes, teria mesmo à polícia tratado com liberdade, sem castigos, os acusados? Ao contrário do que se disse o que notamos no governo Vargas foi uma política de repressão e violência. Os próprios Integralistas já tinham sentido em outros episódios o aparelho repressor do Estado, e os imigrantes japoneses, alemães e italianos, também já tinham sofrido as imposições varguistas, até mesmo antes do início da Segunda Guerra, quando foram vítimas de preconceito e violência moral e física.

Após a declaração de Guerra aos países do Eixo, a situação destes estrangeiros só piorou. Entre as proibições estavam: não podiam cantar ou tocar o Hino nacional de seu país; eram proibidos de falar seu idioma nativo em lugares públicos; não podiam viajar sem a devida autorização; eram proibidos de exibir em locais públicos retratos do governo; não podiam comentar em locais públicos sobre a Guerra e eram também proibidos de se reunirem em locais fechados, mesmo que fosse para alguma comemoração. Além destas, outras medidas foram tomadas pelo governo brasileiro, a fim de restringir a ação do Quinta-columismo.^{VI}

O governo, contava com a ajuda de muitos da população brasileira, que colaboravam em denunciar qualquer ação suspeita dos estrangeiros e Integralistas. O Estado Novo, usava para tanto, os cinemas e os jornais para transmitir a população o ódio aos chamados súditos do



Eixo. Como por exemplo, verificamos nesta nota de jornal: “O japonês é mau de verdade, é de índole incrível, bárbaro, na acepção verdadeira da expressão, e tem no peito a fereza de um leão faminto.”^{VII}

Tudo era motivo de suspeita, o inimigo podia ser e estar em qualquer lugar. Professores, religiosos, comerciantes, podiam estar envolvidos. Havia intensa vigilância e precaução na cidade de Aracaju. Dessa forma, a população de Sergipe reagiu aos atentados, depredando casas de estrangeiros e exigindo uma posição por parte do governo. Podemos inclusive dizer que os constantes protestos foram frutos além do medo e revolta, de um surto de nacionalismo da época.

Os Torpedamentos no litoral de Sergipe como podem perceber, mudaram o nosso cotidiano e foram estopim para a entrada brasileira na Segunda Guerra Mundial. Diante das cenas dantescas presenciadas pelos sergipanos em suas praias, a população sentiu que deveria reagir e resolveu colaborar com o governo no sentido de vigiar aqueles que eram considerados suspeitos. Todo o clima da cidade foi mudado drasticamente após o conflito. Proibição, escassez de alimentos, falta de combustível, só aumentaram ainda mais o ódio aos súditos do Eixo. Estas pessoas sentiram na pele o que é ser perseguido.

Não há aqui defesa aos estrangeiros ou Integralistas, mas devemos entender que muitos destes, principalmente os imigrantes que vieram ao Brasil, acabaram sofrendo por causa das constantes suspeitas; o que fazia com que não tivessem seus direitos de cidadãos comuns respeitados. Diante deste quadro, vale a pena conferirmos o que a historiografia abordou sobre o assunto. Fazendo esta análise, notamos que poucos autores dedicaram-se a escrever sobre estes suspeitos. Alguns, apenas pontuaram sobre o assunto, mas não temos de fato, análises apuradas sobre tema.

Um dos autores, que nos dá informações significativas sobre o clima de medo que pairou em Sergipe, foi Antônio Pinto Cruz, em sua obra, *Aracaju: memórias de uma cidade sitiada* (1999). Neste trabalho, sob o título de “A Caçada ao Quinta-Coluna”, o autor fala sobre o perigo interno e o medo do Quinta-coluna, que segundo ele, este temor ultrapassou os limites do real. Neste texto, podemos ainda ver nomes de estrangeiros presos por espionagem em Sergipe. Sendo assim, o trabalho do Cruz contribui para este estudo, por



trabalhar com os jornais e mostrar através destes as consequências dos ataques na população sergipana.

Outro autor, que trabalhou sobre o cotidiano de Aracaju durante a II Guerra e frisou a vigilância aos suspeitos, foi Dilton C. S. Maynard (2010). Ele afirmou em seu texto, que reuniões em locais mal iluminados preocupavam as autoridades e levantavam suspeitas. Também nos dá nomes de acusados Integralistas, citados do Relatório de polícia dirigido por Enoch Santiago. Além destes pontos, abaixo do título, “Sob Suspeita”, temos informações sobre estrangeiros, que costumavam falar sobre a Guerra em Cafés, mas que deixaram de comentar, por conta do medo das suspeitas que pairavam sobre eles. Seu texto, portanto, demonstra cuidado minucioso com as fontes e já nos dá um ponto de partida para o estudo do tema.

Já outros autores considerados clássicos da historiografia sergipana, como Ibarê Dantas, Ariosvaldo Figueiredo, J. Pires Wyne, Acrísio Torres e Mário Cabral, apenas pontuaram sobre os torpedeamentos. Quando falaram sobre os suspeitos, encontramos informações sobre os protestos e depredações de estrangeiros, mas não temos relatos que descrevem quem foram estes estrangeiros e integralistas. Destes autores citados, Wyne é o que mais se aproxima em suas análises, trazendo notícias sobre as depredações e relatos sobre o quinta-colunismo.

Dessa maneira, percebemos que há carência em termos de discussão sobre o assunto Segunda Guerra em Sergipe e principalmente há poucas informações sobre os suspeitos e o sistema de espionagem. As publicações sobre os torpedeamentos de 1942 têm aumentado consideravelmente. Notamos que as obras mais recentes possuem uma preocupação maior em retratar as consequências da chegada da II Guerra em Sergipe. Entretanto, o assunto, estrangeiros e integralistas como suspeitos ainda é um campo pouco explorado na historiografia, onde restam dúvidas que merecem novos mergulhos em documentações.

A pesquisa sobre estes acusados nos proporciona entender de que modo o medo assombrou a população de Sergipe depois dos torpedeamentos. Além disso, devemos perceber que os estrangeiros ligados ao Eixo sofreram com as imposições e vigilância do governo Vargas. Enquanto os brasileiros exigiam vingança pela morte de cerca de 610 pessoas, imigrantes alemães, italianos e japoneses foram alvos de preconceito. Durante os tempos de Guerra, mesmo distante do teatro do conflito, o Brasil manteve-se agitado com acontecimentos que



marcaram a história do país, e Sergipe foi o triste palco das cenas macabras em suas praias e ruas naquele agosto de 1942.

Notas

^IGraduanda em História /UFS/ Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente – GET/UFS/ Bolsista PIBIT/CNPq/ E-mail: anailza@getempo.org / Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (DHI/UFS)

^{II}Sergipe Jornal, 18 de agosto de 1942 n° 10.197.

^{III}Sergipe Jornal, 22 de janeiro de 1942 n° 10.041.

^{IV}Sergipe Jornal, 28 de maio de 1942 n°10.134 e 06 de junho de 1942 n°10.141.

^VSANTIAGO, Enoch (chefe de polícia). Cópia do relatório feito pelo doutor Enoch Santiago, no inquérito instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex- integralistas exaltados e simpatizantes de ideias nazi- fascistas. Aracaju, 22 de dezembro de 1942. p. 01-16.

^{VI}MORAIS, Fernando. Corações Sujos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

^{VII}Folha da Manhã, 8 de fev. 1944. p. 02.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade**. Aracaju: Livraria Regina, 1948.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Aracaju: Memórias de uma cidade sitiada**. São Cristóvão: UFS, 1999. (Monografia)

DANTAS, Ibarê. **Revolução de 1930 em Sergipe: dos tenentes aos coronéis**. São Paulo, Aracaju: Cortez/UFS, 1983.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História política de Sergipe Vol. 2**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1986-1996.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História política de Sergipe Vol. 3**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1986-1996.

MARINHO, Jânio, César Melo. **Notícias do Campo de Batalha: A imagem da Segunda Guerra Mundial no Sergipe Jornal. (1939-1945)**. São Cristóvão, 2004 (Monografia)

MAYNARD, Dilton C. S. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C.T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. p. 509-535.

TORRES, Acrísio. **De Eronides Carvalho a Freitas Brandão. História de Sergipe**. 2ed. Aracaju: J. Andrade, 1967.p.241-246.



WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe (1930-1972)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973. v.02.